

RESISTIR NA DEFESA DE ABRIL

António Lima Coelho

Como Presidente da Associação Nacional de Sargentos gostaria de referir que, ontem, durante o VII Encontro Nacional de Sargentos foi lida a mensagem que os Órgãos Dirigentes da Associação Conquistas da Revolução nos endereçaram. Foi recebida com satisfação e aplauso e os presentes solicitaram-me que trouxesse igual saudação ao Congresso da ACR.

Por essa razão não foi possível estar aqui presentes ontem. Mas também sabemos que ontem, dia 4 de Outubro, foi um dia em que decorreram iniciativas de inúmeras organizações o que demonstra, ao contrário do que alguns querem fazer acreditar, que os cidadãos nas suas organizações estão vivos e actuantes, lutando por aquilo em que acreditam.

Quando contactado para vir fazer uma intervenção nesta homenagem, consciente da minha condição de militar no serviço activo e do meu jurado compromisso com a Constituição da República, não ousei escrever qualquer coisa que não reflectisse o que sinto relativamente ao General Vasco Gonçalves, a quem sem qualquer falta de respeito vou tratar por companheiro Vasco ou simplesmente por Vasco Gonçalves. Para o escrever fui beber a duas fontes: aos livros “Um General na Revolução” e “Vasco – Nome de Abril”, particularmente no que se refere aos militares e à Constituição.

Assim permitam-me que comece por referir os excertos que assinaei. Numa entrevista concedida a Viriato Teles, VG reflectia assim sobre a liberdade: *“A liberdade não se define ou não se consubstancia, apenas, nos direitos políticos, no direito de poder falar livremente, no direito de opinar e contestar ou de se organizar colectivamente sem ser preso. A liberdade não existe de per si. São necessárias estruturas políticas, económicas, sociais, culturais que garantam o exercício das liberdades consagradas na Constituição. O desemprego, a miséria, a fome, a falta de instrução, a falta de habitação, as relações sociais de exploração são contrários ao exercício livre da liberdade. (...) As conquistas democráticas alcançadas (...) foram todas consagradas na Constituição da República de 1976. A Constituição é filha da Revolução”*.

Numa outra entrevista, desta vez concedida a Anabela Fino, VG afirmava: *“O 25 de Abril trouxe-nos um grande direito, o direito de voto. O que precisamos é de votar bem, votar conscientemente, de maneira esclarecida, o que naturalmente exige muito trabalho de formação”*. E dando realce à importância da Constituição e, por via dela ao Tribunal Constitucional, VG defendia: *“De um modo geral, penso que os valores de Abril estão afirmados nos conceitos fundamentais da Constituição de 1976, quer do ponto de vista político, quer económico, social, cultural, e mesmo militar. Não podemos esquecer no meio disto tudo que há também os militares, os valores que os militares prezam; e os valores pelos quais os militares lutaram foram justamente pela dignificação das Forças Armadas que não fossem sustentáculo de um regime ditatorial, por umas Forças Armadas que fossem comandadas por gente competente,*

RESISTIR NA DEFESA DE ABRIL

António Lima Coelho

incorruptível, capaz de respeitar e de amar os valores democráticos”. Mais adiante, sobre a globalização e o papel que nela desempenham as Forças Armadas, refere: “Penso que o desenvolvimento das relações económicas internacionais, das interligações, é inevitável, é próprio do desenvolvimento da sociedade, independentemente até dos regimes (...) a tendência será para haver uma interligação cada vez maior das respectivas sociedades. Mas a globalização é outra coisa. A globalização corresponde ao aproveitamento dessa interacção, da internacionalização das relações a todos os níveis, para beneficiar grupos restritos da sociedade no sentido de poderem dominar grande parte da humanidade, (...). E fazem-no através de meios coercivos, como o domínio da comunicação social, a política armamentista, as organizações financeiras internacionais. Evidentemente que isto tem repercussões nas Forças Armadas, ou seja, o domínio transnacional necessita também de umas forças armadas transnacionais. Ao nível das Forças Armadas há uma expressão que se pode dizer directa desses interesses transnacionais que dominam a sociedade, ou têm tendência para o fazer, de um modo totalitário. Quando se pretende dominar a sociedade em todos os campos da actividade humana, impor certos padrões de vida que são próprios de determinadas sociedades (...) o que é isso senão uma política totalitária?”. O que se aplica à descaracterização das Forças Armadas: “Estamos hoje a adoptar uma doutrina militar de intervenção externa a pretexto de garantir a paz, a defesa dos direitos humanos. (...) O que verificamos é que as missões no terreno das nossas Forças Armadas são missões de intervenção externa, encobertas com o manto diáfano da defesa dos direitos humanos, enquanto as missões de defesa do exercício da nossa soberania passam a segundo plano”.

Vasco Gonçalves em discurso improvisado na Sorefame, em Maio de 1975, falando do conceito de Pátria, dizia que “A Pátria não é uma entidade abstracta, não é uma entidade mítica, mas é uma entidade concreta constituída por todo um povo de carne e osso (...). A Pátria somos todos nós!

Mas porque é importante que as novas gerações continuem a ouvir falar daquela que considero uma das suas mais importantes intervenções, quero aqui trazer o que Vasco Gonçalves afirmou, no célebre discurso de Almada, quando disse que “moral e política vão de par, não se podem dissociar. (...) É verdade que, procedendo assim, estou a singularizar-me, a destoar na festa provinciana que leva certos políticos a exibirem publicamente as mazelas para suscitarem simpatias e apoios e a confiarem mesmo aos mais diversos órgãos da informação estrangeiros os seus hipotéticos pavores, os seus medos apocalípticos e, de um modo geral, por mais que os disfarcem em tiradas de fervor democrático, os seus ressentimentozinhos de ambiciosos frustrados. **Enfim, essa gente é como é e eu sou membro do Movimento das Forças Armadas.** (...) É verdade que em toda a nossa história houve sempre portugueses que,

RESISTIR NA DEFESA DE ABRIL

António Lima Coelho

*por espírito mesquinho de classe, estiveram de cócoras diante do estrangeiro, prontos a sacrificarem os interesses da Pátria em interesses não nacionais. Todos nós conhecemos o nome de tais homens e execramo-los. Durante séculos e séculos, como bicho dentro da maçã, o partido castelhano corrompeu-os e desfigurou o País até o levar ao opróbrio de 1580. Mais perto de nós foram os integralistas, ora de imitação francesa, ora seguindo os moldes dos figurinos germanófilo e nazi que se entregaram à mesma tarefa. Hoje erguem-se vozes a cantar loas à Europa, não à Europa dos trabalhadores, claro, mas à Europa dos monopólios e das sociedades capitalistas. Ontem houve quem servisse Castela contra a arraia-miúda, hoje há quem deseje colocar as classes laboriosas portuguesas na situação de fogueiros da fornalha da Europa capitalista. Desprovida de sensibilidade popular, essa gente que não tem, sequer, a fibração nacional de escolher melhor os seus confidentes e os seus cúmplices. Fala a torto e a direito, espalha boatos, implora a intervenção estrangeira nos assuntos pátrios e tudo isso, pretendem eles, porque a nossa revolução está em perigo às mãos do “gonçalvismo”. **Essa gente é o que é e eu sou membro do Movimento das Forças Armadas”.***

Permitam-me que abuse desta afirmação de Vasco Gonçalves e que vos diga que essa gente é o que é e eu sou um militar das Forças Armadas ao serviço do Povo Português e da Defesa da Constituição da República, a Constituição filha da Revolução, a Constituição de Abril!

E porque o tempo é de Resistir na Defesa de Abril, termino referindo um excerto de uma entrevista que Vasco Gonçalves concedeu a Armando Pereira da Silva, em 1999, mas contudo sempre actual: *“Para mim, sem utopia não há progresso. A utopia sempre precedeu a acção e a luta pelas grandes ideias. Nunca será atingida, mas é um guia para a acção prática. Para estimular o empenhamento na luta pela felicidade do homem. Não há nenhum homem nem nenhuma mulher que não tenham uma utopia na vida. Não fujo à regra... (...) O entusiasmo, a confiança, a esperança, o empenhamento, o sonho que se seguiram ao 25 de Abril devem inspirar-nos na continuação da luta com redobrado esforço pelos ideais que nortearam as conquistas revolucionárias. Numa palavra: manter abertas as portas que Abril abriu: Por elas passa a libertação do Homem!”*

Vamos à Luta!

Vamos Resistir,

Vamos Defender Abril, porque... isto vai, meus amigos...isto vai!